

A CASA NO CUMBE

1ª Edição

Ignácio Salieri

Copyright © 2022 by Ignácio Salieri

Capa, Diagramação e Revisão

Ignácio Salieri

Salieri, Ignácio 1994-

Crônicas Norte-Taquaritinguenses: A Casa no Cumbe /
Ignácio Salieri – 1. ed. – Caruaru, PE : Ed. do Autor, 2022.
104p. ; 21cm.

ISBN: 978-65-00-33583-5

Todos os direitos reservados ao autor da obra.

1. Ficção. 2. Suspense. 3. Horror

CDD: 869.3

20-48948

“Se o doido persistisse na sua loucura tornar-se-ia sensato.”

– William Blake

Dia 01

“Eu já disse, isso vai ser um saco.”

“*Não tem como tu fugir daí, sei lá?!*”

“Claro que não, meus pais estão em cima de mim. Eu sei que fiz merda, mas daí me arrastarem pra esse lugar durante todo o resto das férias?! Isso é muito injusto.”

“*Ao menos a festa foi demais!*”

Denis deixou o celular de lado e encarou a janela. A paisagem era verde, verde demais para o garoto acostumado com o cinza da cidade.

Levantou da cama, aproximou-se da janela e contemplou o pai cruzando o portão da propriedade em sua picape vermelha. A mãe estava parada ao lado da pilha de tijolos que acabara de chegar da cidade.

Quatro trabalhadores descarregavam sacos de cimento, areia e britas da carroceria de um velho caminhão. Eram os materiais que seriam utilizados na modernização da velha casa do sítio.

Denis calçou suas chinelas e deixou o quarto se dirigindo à escadaria que descia até o térreo. O garoto estava amuado com a perspectiva de passar um mês inteiro naquele lugar mesmo sendo sua culpa estar ali.

Ana Rosa e Fernando lhe confiaram o apartamento no Recife ao passo que eles estavam em Taquaritinga do Norte

supervisionando a reforma da antiga casa de sua falecida avó materna.

O garoto teve a brilhante ideia de dar uma festa logo no primeiro dia em que seus pais partiram para o interior. É claro que tudo deu errado.

Seus amigos chamaram mais amigos e as coisas saíram do controle do jovem rapaz. Denis não costumava usar drogas apesar de seus amigos o fazerem de maneira corriqueira.

Apesar disso, ele não imaginou que as pessoas ficariam tão chapadas ao ponto de quebrarem metade do apartamento. O rapaz tentou controlar o barulho, mas não foi bem sucedido. Seus vizinhos alertaram o síndico do prédio e, três horas depois, seus pais apareceram no meio da madrugada.

Fernando, que não tinha o costume de bater em seu filho, acabou por lhe dar uma bela de uma surra. Denis apanhou dos pais pela primeira vez aos 18 anos de idade. Talvez se o tivessem feito antes, o garoto não teria sido tão irresponsável. Talvez, talvez... Na realidade, ignorem as opiniões controversas do narrador que vos fala.

Ana Rosa era contadora e gerenciava seu próprio escritório de contabilidade ao passo que Fernando era um renomado arquiteto também com um escritório próprio. A família vivia bem, possuíam um enorme apartamento na capital, mais especificamente no bairro de Casa Forte, um daqueles bairros de rico, como se diz.

Denis sempre estudou nos melhores colégios da capital e nunca soube o que era ter que trabalhar para ajudar a família, nem sequer tinha de ajudar os pais nos afazeres de casa, pois Maria estava sempre ali como empregada doméstica.

Talvez, apenas talvez, uma vida como aquela fizesse com que o jovem não soubesse o valor do dinheiro. Tudo sempre vinha

de mão beijada. Um verdadeiro filhinho de papai ou playboy, como se diz hoje. E mais uma vez este narrador se mete na história com seus próprios pensamentos e opiniões...

“Pra onde pensa que vai?” Ana Rosa levantou as sobrancelhas para o garoto assim que o mesmo cruzou a porta de entrada.

“Quero ir à cidade.” Bufou.

“Onde já se viu, esqueceu que tá de castigo?!”

Os trabalhadores se entreolharam com ar de riso. Para eles era engraçado um homem ficar de castigo. É que Denis, embora ainda fosse um moleque, parecia ser um homem feito com seus 1,77 de altura, ombros largos e braços bem definidos. Sua estirpe era magra, porém as horas passadas na academia e o dinheiro gasto com suplementos e *personal trainer* haviam lhe deixado com aquele *shape*.

“E o que eu vou fazer nesse fim de mundo?”

Ana Rosa limitou-se a encará-lo.

“Posso pelo menos dar uma volta aqui por perto?”

“Pode, mas me dê esse celular.” Ela estendeu a mão.
“Meia hora por dia, ou também esqueceu?”

“É sério isso, mainha?”

“Tu tem sorte por eu ter conseguido esse tempo. Teu pai queria tomar de vez.” Ana Rosa pegou o aparelho. “Deveria aproveitar essas férias pra estudar. O vestibular é ano que vem!”

Denis deu de ombros e cruzou o portão da propriedade situada bem no meio de uma das íngremes ladeiras do Sítio Cumbe, localizado em uma das serras que circundam Taquaritinga do Norte.

O garoto olhou para cima, mas desistiu. Voltou à cabeça para baixo e decidiu descer. Suas chinelas escorregavam a cada

passo, afinal, não estava acostumado a caminhar na terra. Na verdade, poucas haviam sido as ocasiões em que o garoto foi até aquela propriedade, mesmo quando era para visitar a avó enquanto ainda era viva.

O jovem estacou já no sopé daquela ladeira. Estava agora em uma encruzilhada onde havia a ladeira que havia descido, outra que subia à sua frente, uma que seguia plana à direita e a quarta que descia à esquerda.

Denis nunca havia se aventurado ali e optou pela esquerda. Dali já era possível vislumbrar a bela visão que a altitude proporcionava. Denis podia ver uma pequena cidade ao pé da serra e a silhueta de outra no horizonte distante.

O jovem continuou a descer. Aquela ladeira era ainda mais íngreme que a da propriedade de seus pais e na lentidão de seu raciocínio, pensou apenas na facilidade momentânea, não lembrando que teria que subi-la na volta.

Denis observava o céu livre de nuvens com o sol já baixando. Em no máximo uma hora um pôr-do-sol magnífico se formaria, mas ele não era de observar esse tipo de coisa.

Um senhor de idade carregava um pesado pedaço de madeira entalhada alguns metros abaixo. Ele parou, apoiou a madeira no chão e secou o suor que escorria por sua testa. Denis o observou por alguns instantes.

O que um homem tão bem vestido faz carregando isso?!

Era mesmo de se estranhar, pois o velho vestia camisa social azul marinho, calças de tecido na cor bege e sapatos sociais marrons e esmaltados. Além disso, sua pele era pálida denunciando que não era comum que trabalhasse sob o sol.

Denis permaneceu a observá-lo até que o homem o encarasse com a feição cansada e só então o moleque se atinasse para ajudar o velho.

Ele correu até o homem.

“O senhor quer ajuda?”

“Precisa não, meu filho, obrigado, viu.” Sorriu o doce senhor de rosto pálido e enrugado.

O velho tornou a erguer a madeira, mas não conseguiu apoiá-la no ombro da maneira que carregava antes.

“Deixe que lhe ajude.”

O moleque tomou a peça nas mãos e tentou repetir o movimento do senhor. Não lhe faltava força, mas sim jeito. Denis se esforçou tanto para erguer a madeira que acabou perdendo o equilíbrio e caiu de costas.

“Meu Deus, tu tá bem, guri?”

“Tô bem.” Denis sorriu. “Só o cotovelo que ralou.”

“Aqui, te ajudo a botar no ombro.”

Era questão de honra para Denis. Como que um velho conseguia levar aquele tronco e ele não?!

O senhor apoiou a peça nos joelhos enquanto Denis abaixava em sua frente. Rapidamente o jovem estava com ela sobre o ombro de maneira equilibrada.

“Meu nome é Alfredo.” Sorriu o velho.

“Sou Denis.” Disse ele ofegante.

“Ah, mas tu é da família de Dona Bia, né?!” Alfredo mudou o semblante assim que o rapaz assentiu em afirmação. “Oh, meu filho, é uma pena. Ela era tão saudável e ativa... Como que do nada enfartou, né?! Meus sentimentos.”

“Obrigado.” Denis sorriu acanhado. “Tá longe?”

“É logo ali, me deixa abrir a porteira.” O velho sorriu e caminhou apressadamente, abrindo-a para que Denis pudesse adentrar sua propriedade.

Era um sítio bonito. Repleto de árvores verdes e bem cuidadas. A partir da porteira, o caminho era de pedra e seguia até a casa na cor branca, rodeada por um alpendre amplo e abarrotado por vasos contendo as mais variadas plantas.

Denis levou os olhos para o outro extremo do alpendre e vislumbrou um menino levemente pálido e sem camisa a encará-lo. Ele sorriu, porém o menino correu para o mato por trás da casa.

“Pode deixar ali na varanda.” Apontou o velho.

Denis depositou a madeira no local indicado e em seguida estralou a coluna. Seus olhos passearam pela varanda até avistar uma simpática senhora caminhando em sua direção.

“Meu filho, o que foi isso?!” A velha tomou o braço do garoto e só então ele percebeu que sangue escorria de seu machucado. “Venha, venha, deixe que eu lave pra não infeccionar.”

O jovem acompanhou a senhora até a parte detrás da casa onde havia um tanque de lavar roupas.

“O nome dela é Virgínia, meu filho, é que ela é apressada mesmo. Mulher agoniada.”

“Alfredo, deixe disso.” O repreendeu com o olhar. “Meu filho, me desculpe.”

Virgínia esfregava gentilmente o machucado, porém ainda assim Denis mordia o lábio inferior devido à ardência. A velha secou o braço do rapaz e sorriu.

“Obrigado por ajudar esse velho teimoso, ele não tem mais idade pra isso. Eu já disse pra ele pedir ajuda.”